

IR. EMILI TURÚ, SUPERIOR GERAL, ORGANIZA ENCONTRO COM OS MARISTAS AZUIS

De 29 de agosto a 5 de setembro, o Ir. Emili Turú, Superior geral do Instituto dos Irmãos Maristas, esteve no Líbano para acompanhar um grupo de 18 Irmãos e leigos de Aleppo, Síria, conhecidos internacionalmente como "Maristas Azuis". No Boletim de hoje publicamos uma entrevista com o Ir. Emili sobre o encontro e um texto do psicólogo dos Estados Unidos, que acompanhou o grupo durante três dias.

Entrevista com o Ir. Emili Turú

Por que esse encontro com os Maristas Azuis?

Ir. Emili Turú: No último mês de maio me encontrei com os três Irmãos da comunidade de Aleppo e constatei que, embora estivessem bem, suportavam um grande estresse causado pela situação de guerra que estão vivendo desde há 4 anos e que era conveniente apoiá-los de alguma maneira. Foi nesse contexto que lhes propus fazer alguma atividade que os ajudasse a superar a situação, não somente a deles, mas também a de outras pessoas que formam parte dos "Maristas Azuis".

Como foi elaborado o programa desses dias?

Ir. Emili Turú: Graças ao apoio do Ir. Brendan Geary, provincial da West Central Europe, entramos em contato com o Dr. Robert Wicks, dos Estados Unidos, autoridade mundial no tema da resiliência, que aceitou prontamente e com generosidade em colaborar conosco. De maneira surpreendentemente fácil pudemos organizar nossos calendários, tanto o Dr. Wicks, os Maristas Azuis, o Ir. Juan Carlos Fuertes, que começa como



provincial da Mediterrânea em janeiro de 2016, quanto eu mesmo.

A partir de então, decidimos juntos o programa: o primeiro dia sobre a espiritualidade, preparado por mim, e outros dias com o Dr. Wicks sobre a resiliência. Os outros dias foram dedicados à avaliação dos programas que se realizam e a programar o futuro.

Que conteúdos de espiritualidade trabalharam com você?

Ir. Emili Turú: A pergunta sobre Deus costuma vir à tona com força quando se vive situações limítrofes, como aquelas causadas por uma guerra. E o que emerge nesses momentos são frequentemente nossos conceitos prévios sobre Deus, que nem sempre correspondem

ao Deus de Jesus Cristo. Perguntamos juntos: onde está Deus nessa situação de guerra? E a verdade é que fiquei impressionado com a maturidade e a qualidade das respostas dadas pelos participantes do encontro.

Outro tema que fez parte da nossa reflexão e da nossa partilha foi a oração contemplativa, como um meio excelente para o encontro pessoal com Deus, assim como fonte de paz, serenidade e harmonia, inclusive quando as bombas caem ao nosso redor.

Poderia dizer-nos algo sobre o tema da resiliência?

Ir. Emili Turú: As guerras provocam muito estresse nas pessoas por causa de muitos fatores, entre eles a morte de pessoas próximas, ou a incerteza em relação ao futuro próximo e mais distante, ou a vivência repentina de perdas importantes como o trabalho, a casa... Nossos maristas de Aleppo, colocando-se a serviço das vítimas da guerra, vivem um duplo estresse: o próprio e o das pessoas que atendem, às vezes muito feridas e com expectativas desproporcionadas sobre o que lhes podem oferecer.

Desgraçadamente, não podemos terminar a guerra e colocar fim às enormes dificuldades pelas quais passam

os habitantes de Aleppo, porém o que se pode fazer é mudar a perspectiva ou transformar as próprias atitudes diante dessas situações. É nesse ponto que entra a resiliência, uma capacidade que não só nos permite superar as dificuldades da vida que não podemos mudar, senão inclusive aprender com elas e crescer e amadurecer no meio delas.



A grande experiência do Dr. Wicks nesse tema permitiu, em primeiro lugar, que cada pessoa pudesse dar nome àquilo que vivemos interiormente, a maior parte do tempo em maneira inconsciente. Obviamente essa tomada de consciência não basta, por isso ofereceu também uma grande quantidade de recursos para poder aumentar a resiliência e ajudar outras pessoas que também possam fazê-lo.

Como foi a sua experiência pessoal nesses dias?

Ir. Emili Turú: Foram dias muito intensos, não apenas pela profunda reflexão feita, mas sobretudo pela enorme carga emocional que compreendia. Não se falou de maneira abstrata de um país em guerra, mas de pessoas de carne e osso, as que estavam ali presentes, que se enfrentam a ela no dia a dia.

Para mim foi um privilégio poder partilhar com todos eles e escutar suas histórias pessoais, seus sonhos, suas lutas, suas frustrações, sua dor, sua grande vontade de viver dando sentido à vida...

Impressionou-me a qualidade humana e espiritual desses maristas, assim como a profundidade das motivações de quem, inclusive podendo deixar o país, decidiu ficar junto com seus irmãos e irmãs de Aleppo.

Alguns me disseram que lhes ajudaram muito as mensagens que mandei em algumas ocasiões durante estes quatro anos, mas a verdade é que fui eu que aprendi ao lado deles, estimulado pela sua generosidade e por sua criatividade evangélica.



AQUELES QUE FICARAM

Fiéis cuidadores e educadores cristãos em Aleppo, Síria - Por Robert J. Wicks

Recentemente voltei de Beirute, Líbano, onde apresentei uma oficina sobre resiliência aos cuidadores e educadores que vivem e trabalham em Aleppo, Síria.

O evento foi ideia do Ir. Emili Turú, Superior Geral dos Irmãos Maristas. Em maio passado, ele havia se encontrado com três Irmãos da comunidade de Aleppo e observou que,

embora parecessem estar "muito bem", em verdade estavam sofrendo enorme estresse causado pela guerra que enfrentam durante mais de quatro anos, e por isso acreditava que seria apropriado demonstrar-lhes apoio de alguma forma.

Como resultado, ele lhes propôs organizar alguma atividade para ajudá-los a enfrentar a situação – não apenas eles, mas

todos aqueles chamados em Aleppo de 'Maristas Azuis', por usarem camisas azuis que os distinguiam daqueles a quem serviam.

Assim, pediram minha ajuda, na medida em que o Ir. Emili conhecia meus trabalhos sobre resiliência e que um de seus provinciais, o Ir. Brendan Geary, fora um de meus alunos no doutorado na Universidade Loyola Maryland. Assim, convidaram-me para organizar uma oficina, que aceitei, indo a Beirute para coordená-la.

Depois que voltei para casa, li as notícias na mídia sobre o sofrimento a que os refugiados sírios eram submetidos e o sofrimento que suportavam em sua caminhada de esperança por um mundo melhor. No entanto, ao mesmo tempo, li e vi muito pouco sobre ajuda e consolo para aqueles que permaneceram na Síria.

Esses são pessoas que dispõem de muito pouca água potável e usadas como pedões em uma batalha global -- que provavelmente poderia ter sido evitada -- enfrentando o bombardeio constante de suas casas, locais de trabalho e infraestrutura.

Alguém poderia me perguntar: "Por que razão o Presidente Obama e outros líderes do mundo ocidental desejariam remover o nosso Presidente em razão de seus defeitos? Por acaso queremos invadir a América e outros países para remover seus líderes?" Outros olham para Aleppo, a segunda maior da Síria e seu centro comercial agora em ruínas com metade de sua população em fuga e poucos profissionais da saúde. E onde antes havia poucos desabrigados agora há muitos que tentam preservar o que lhes resta sem um lugar seguro para viver.

Primeiramente observaram os ricos, depois a classe média e finalmente os pobres abandonando seus lares. Eles assistiram os cristãos e suas antigas cidades sob ataques constantes. No entanto, permaneceram para dar esperança e conforto material aos cristãos e maometanos que buscavam seu apoio. Os "Maristas Azuis" são incríveis e inspiradores.

Permanecer resiliente, em tais circunstâncias, implica grande empenho e muita fé que deve focar corretamente se pretender permanecer e mesmo florescer mais do que simplesmente consumir-se como acontece em tantos esforços em situações obscuras.

Todavia, quando a resiliência se aprofunda e cresce, há o reconhecimento de que não é a quantidade de escuridão no mundo ou mesmo em nós mesmos que importa; no final, é o modo como nos colocamos durante a escuridão que importa. Trauma, seja interno quanto externo, não precisa ser a última palavra... pode em verdade ser a primeira palavra de um novo sentido de fé e vida.

No entanto, para definir o cenário para que isso aconteça, é útil que uma série de reconhecimentos se efetive. Caso contrário, a intensidade das nossas intenções de ser mais forte

durante a dor e o sofrimento será semelhante à tentativa de nos livrar de um bumerangue; quanto mais tentamos, mais vamos desnecessariamente enfrentar o que estamos tentando eliminar.

E assim, no encontro com os 'Maristas Azuis' de Aleppo, o objetivo foi proporcionar palavras-chave sobre resiliência que ajudarão a colocar o máximo possível de sua vida e trabalho em perspectiva, de tal forma que sua fé e vida daí surgidas sejam ricas, mesmo e especialmente quando a escuridão os assombrar e oprimir.

As palavras oferecidas a eles não são apenas valiosas para eles; são também aquelas que nos ajudam nas experiências de perda, traição, estresse e escuridão. São elas: comunidade, fidelidade, devoção e humildade.



Na América, em especial, onde a eficiência e o individualismo são tão enfatizados, não conseguimos entender que comunidade e colaboração representam um apoio psicológico e espiritual muito desafiador nesses tempos desafiadores. E será benéfico lembrar o ditado do povo da República de Camarões: "Se você quer ir rápido, vá sozinho. Se quer ir longe, vá em grupo".

Assim, foi aconselhado aos participantes da conferência que fossem sensíveis a quatro vozes ou amigos de sua comunidade: o profeta que nos pergunta "Que vozes você escuta quando decide que caminho seguir na vida?"; a líder de torcida que nos fala com simpatia e nos ajuda a ver nas coisas o reflexo do amor de Deus; o instigador ou provocador que nos ajuda a nos manter firmes quando, no esforço para cuidar dos outros e levar nossa fé a sério, inadvertidamente escolhemos um desvio e passamos a nos levar a sério demais; e, finalmente, o amigo inspirador ou espiritual que nos convida para que sejamos tudo o que podemos ser sem que fiquemos embaraçados por estar onde estamos agora.

A fidelidade é também uma palavra essencial de orientação, especialmente quando sentimos que são contra essas grandes probabilidades. Quando eu estive na África do Sul falando sobre resiliência às pessoas dos apostolados, uma



dos assistentes sociais disse com veemência: "Eu não posso fazer isso por mais tempo. Preciso deixar o que estou fazendo". Perguntei-lhe qual era seu papel e ela respondeu: "Trabalho com mulheres que foram abusadas e violentadas. Muitas vezes são pobres e solteiras, e precisam tirar um dia de folga do trabalho para que possam se dar ao luxo de ir ao tribunal para defender sua causa. Muito frequentemente, quando o juiz analisa a papelada, faz uma careta e diz: 'Oh, não tive tempo de analisar isso. Marque uma audiência para outro dia'. Não estou sendo bem sucedida no que faço. Sou um fracasso."

Esperei alguns instantes para acalmar os ânimos e então lhe perguntei: "Quem estava com a mulher nessa hora de derrota?" "Apenas eu," respondeu. "Então, seria um exagero dizer que você era a pessoa mais próxima dessa mulher do que qualquer outra no mundo naquele momento?" Após uma breve pausa ela disse: "Não, não seria." Então, com a voz mais suave possível perguntei: "E você quer abandonar tudo isso?" Finalmente, após outro período de silêncio acrescentei: "Você não percebe que não é o sucesso que importa, mas a fidelidade?"

Devoção é o terceiro aspecto fundamental da resiliência. Nós não só precisamos de oração, do mesmo modo que Abbas e Ammas do quarto século precisavam para que sua fé não se tornasse domesticada, como precisamos de uma vida de oração aberta à visão de Deus, fazendo sentido e assumindo maneiras novas e mais profundas quando a vida se tornar traumática e difícil. Uma profissional da Cruz Vermelha com foco no espiritual que trabalha com pessoas em crise como

resultado de traumas disse que ouviu alguém dizer de seu sentido de Deus após o ônibus em que viajava ser bombardeado. A mulher disse que sua resposta inicial foi perguntar como Deus permitira que isso acontecesse. Mas, pouco depois, ela percebeu e comentou onde ela acreditava que Deus estava durante o bombardeio: "Ele estava no ônibus comigo".

A palavra final destacada aqui, entre aquelas que apresentei aos dedicados trabalhadores de Aleppo (Síria), é humildade: uma abertura para ver a verdade de novas maneiras. Essa virtude cardeal do deserto ajuda a não se sentir culpado, seja pelo extremo da dúvida pessoal excessiva, seja pela extrema autoconfiança. Entretanto, tal virtude é difícil de conseguir, mesmo se a desejarmos. Tomando o exemplo de minha própria vida, minha filha -- que é uma assistente social com a responsabilidade de ajudar veteranos gravemente feridos que retornam do Iraque e Afeganistão -- perguntou a suas filhas quando eram bem pequenas: "Que presentes vocês acham que Deus ofereceu a vocês para dividir com os outros?" Com grande entusiasmo elas citaram tudo o que elas acreditavam ter recebido. Ouvindo isso, meu genro lhes perguntou: "E que tal humildade?" Ele então abriu o dicionário, leu a definição e perguntou a elas em quem elas pensavam quando se falava de humildade. Imediatamente minhas duas netas e minha filha exclamaram: "Mamá!", referindo-se à minha esposa. Ele então perguntou: "Bem, e que tal Papá?" Elas então balançaram a cabeça de um lado para o outro e disseram bem baixinho: "Não, Papá não".

Portanto, mesmo se desejarmos essa virtude, ela não é uma dádiva gratuita. No entanto, se desejarmos ser resilientes, precisamos ir atrás dela porque, quando construímos conhecimento e assumimos humildade, ganhamos sabedoria, e quando nos apropriamos da verdadeira sabedoria e a agregamos à compaixão, ganhamos amor. E Deus é amor, e esse amor está no coração do cuidar... e no coração da vida.

Os "Maristas Azuis" que trabalham e vivem na Síria enfrentam uma grande escuridão, mas permaneceram para ajudar. Alguns partirão em algum momento, e provavelmente devem e deveriam sair. Entretanto, se a essa altura partirem ou ficarem, eles cresceram pessoalmente na fé, porque o que realizaram fizeram-nos enfrentar de modo resiliente a escuridão. Eles também serão lembrados por todas as pessoas que eles serviram...e definitivamente serão lembrados por mim, que veio para servi-los e por eles foi inspirado.

Dr. Robert J. Wicks é autor de inúmeras publicações sobre resiliência, como *Riding the Dragon*; *Bounce: Living the Resilient Life*; *Spiritual Resilience*; e o romance *Conversations with a Guardian Angel*. Ele é também Professor Emeritus da Universidade Loyola Maryland e vive na Filadélfia.